



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

29 de Maio de 2004 • Ano LXI • N.º 1571
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. O. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

MOÇAMBIQUE

Um convite

ANDAVA eu a escrever uma crónica sobre as nossas novas construções na Aldeia, subsidiadas pela Cooperação Portuguesa do Ministério da Segurança Social e do Trabalho de Portugal, quando recebi um convite para participar no Fórum: *Famílias, Cooperação e Desenvolvimento*, em Vila da Feira.

O convite, embora aliciante, de viagens e estada pagas, não me demovia, por duas razões. Uma porque os agentes da Segurança Social, em Portugal, tentam virar do avesso as Casas do Gaiato, não respeitando a diferença, querendo normalizar as estruturas de pessoas e construções, impondo o figurino estatal a uma Obra que nasceu sob o sinal do Santíssimo Nome de Jesus, cujos responsáveis vivem apaixonadamente o anúncio do Evangelho ao Pobre abandonado e é reconhecida como sua pela Conferência Episcopal. Esta a primeira razão.

A segunda, porque a Irmã Quitéria estava ausente à procura de remédio para o mal que tanto a incomodava e a nós todos mantinha vigilantes na oração, para que o médico descobrisse a verdadeira causa ou Pai Américo intercedesse junto de Deus pelo impossível aos homens.

Uma semana antes da data, chegou a Irmã com redobradas esperanças de cura porque o

médico descobriu o parasita causador da enfermidade e a saúde começou a recuperar. Depois de bem ciente que o Departamento de Cooperação é diferente do da Segurança Social e a senhora Dr.ª Lucília Figueira é uma figura de verdadeira mãe amorosa, que marca quantos a conhecem e é apaixonada pelo trabalho de quantos nas pátrias de língua portuguesa trabalham no desenvolvimento das comunidades mais carentes, acabei por ceder.

Os participantes foram, além de pessoas qualificadas do Ministério, delegações dos PALOP's a nível dos ministérios do Trabalho e Acção Social, e a maioria representantes de instituições que trabalham no terreno, no desenvolvimento das comunidades locais. Abundavam Padres, Irmãs e Leigos, mas estavam também Bispos de Angola, Guiné e São Tomé, e um representante do Bispo de Timor e do de Cabo Verde.

A parte da manhã, de 19 a 23 de Abril, foi ocupada, na maior parte dos dias, com intervenções sobre diversos problemas como: Família, Cooperação, Instrução e Saúde. O tema mais abordado foi o da Família, uma vez que o Fórum se inseriu no âmbito da comemoração do décimo aniversário do Ano Internacional da Família, instituído pela ONU. E como foi dito: «do equilíbrio da instituição familiar depende o futuro das nossas Comunidades. Em todas as culturas, é no meio familiar que se recebe o conceito emocional, a Família é a essência do saber e da idoneidade que nos acompanham toda a vida». «A família é o lugar do próximo, no sentido cristão, é o ninho de afectos», haviam de dizer outros.

Daí a importância dada aos planos de desenvolvimento, que contemplam a pobreza muito alarmante em Cabo Verde e Timor; a saúde que quem a não tem também a não transmite; a interligação escolaridade e saúde — mostram as estatísticas que das mães sem formação escolar, os filhos têm mais possibilidades de morrer antes dos

Continua na página 4

ENCONTROS EM LISBOA

O Ricardo

CHEGOU o Ricardo. O seu ar franzino e olhar vivo, dá conta de tudo o que se passa à sua volta. Quando alguém aparece, não perde tempo atira-se imediatamente ao estranho, procurando contar histórias, fazendo perguntas e acarinhando a todos, pegando pela mão e pedindo isto ou aquilo, pode ir de uma moeda a uma bicicleta ou então à sugestão de um passeio no carro do visitante. São dez anos de vida ansiosos de carinho e compensações...

Há dias, perante a visita de quarenta e quatro holandeses e holandesas, veio imediatamente meter-se debaixo da minha asa enquanto eu tentava explicar, via tradutor, o que fazíamos. Percebendo que não conseguia entrar em diálogo porque a língua o impedia, resolveu o problema começando a abraçar

Continua na página 3

Praticando o Bem

VOLTOU, de novo, aquela senhora com depressão psíquica de que falei num dos jornais de Abril.

Veio, outra vez, para lhe pagar os trezentos euros do Banco.

Logo de manhã, sentada à porta da tipografia, não a reconheci. Dei fé, sim, de que seria uma pessoa a quem já tenho ajudado; mas, são tantos os Pobres que a gente perde-lhes as referências.

Assuntos urgentes impediram-me de lhe dar logo atenção, o que foi mau, pois, os Pobres devem ser, sempre, as pessoas de maior peso no meu íntimo: — são os meus senhores e, por isso, mais importantes!

Passada uma hora, bate-me à porta do escritório, pede para entrar e identifica-se: — *Estive, cá, o mês passado e o senhor ajudou-me. Sou aquela senhora a quem deu os dois meses de taxa e que tenho que pagar, até Outubro, trezentos euros por mês pela minha casa.*

Vinha toda esmurrada, com várias feridas na cara e na testa e eu quis saber a origem das escoriações. Pensei que alguém lhe tivesse batido.

— *Sou eu que caio* — disse.

Não adiantei mais. Ela poderia querer encobrir qualquer sofrimento. Eu não tenho de me meter aonde não sou chamado. Estava feliz com a carta de Maria Luísa, de Lisboa:

«(...) Também lhe disse, na conversa que tivemos ao telefone, da enorme admiração dos meus pais por Padre Américo e pela Obra do Gaiato. Admiração essa que nos transmitiram, como a necessidade de partilharmos o que temos, pouco ou muito, porque somos apenas gestores dos bens e não senhores deles. Por outro lado, lembro-me bem da minha mãe que morreu há três anos, com noventa e três, e nos dizia que todos os dias pedia a Deus apenas o pão nosso de cada dia, que isso nos bastava.

Os meus pais foram grandes educadores, quer pela palavra, mas, sobretudo, pelo exemplo. Sempre que o Padre Acílio precisava e eu puder, pode contar comigo.»

Juntava um cheque de três mil euros. Respondia, assim, aos problemas económicos desta irmã, depois de me ter dito, por telefone, as razões da sua comunhão nesta amargura.

Vamos ao Banco resgatar a sua dívida, disse à mulher, com a intenção da Maria Luísa.

Quando não gostaria esta Amiga, da Capital, de gozar comigo o alvoroço de alegria que despertara naquela alma deprimida! Como se tornou verdade a Palavra de Jesus: — *Vim libertar os oprimidos!*

Fomos, no carro da Casa do Gaiato, ela e eu. Mais ninguém. Estes passos sublimes são dados em segredo.

Continua na página 3

Festas

Lisboa

- 30 de Maio — Domingo, 15.30 h, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, LISBOA.
- 6 de Junho — Domingo, 15.30 h, Salão Polivalente da Junta de Freguesia de ODIVELAS.
- 10 de Junho — Quinta-feira, Dia do Corpo de Deus, 21.30 h, Club Recreativo de Casalinhos, FANHÕES.
- 13 de Junho — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de MASSAMÁ.
- 27 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cine-Teatro Avenida, TOMAR.

Setúbal

Na Amadora tivemos uma recepção muito calorosa dos nossos Amigos e dos seus párocos. Em Almada fizemos a terceira Festa deste ano, em que contamos também com amizade dos nossos Amigos da margem sul do Tejo.

As próximas são as seguintes:

- 29 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de PAMELA.
- 30 de Maio — 16.00 h, Centro Paroquial do MONTIJO.
- 3 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Estrela Moitense, MOITA.
- 10 de Junho — 21.30 h, Casa da Cultura da Quinigal, BARREIRO.
- 12 de Junho — 17.30 h, Cine-Teatro de ALTER DO CHÃO.
- 19 de Junho — 21.30 h, Auditório da Anunciada, SETÚBAL.
- 26 de Junho — 21.30 h, Grupo Desportivo de SESIMBRA.

O Busto de Pai Américo no Sá da Bandeira

A notícia que aqui demos há cinco meses, foi realmente oportunidade para mais uma diligência no sentido de resgatar o busto e tirá-lo da entrada do Teatro. E esta foi de vez! Graças a Deus reinou a boa vontade. O Responsável da Empresa compreendeu as razões que lhe apresentámos e ofereceu-nos busto e peanha, que levantamos faz hoje oito dias e está aqui mesmo em frente de onde escrevo, no pequenino ático que dá acesso aos escritórios e oficinas gráficas — lugar central da Casa por onde passa muita gente.

Eis uma notícia feliz, que nos deixa gratos à Empresa do Sá da Bandeira e a outras pessoas que, entretanto, se manifestaram e algumas até se propuseram a dar uma ajuda se fosse preciso. Não foi; mas igualmente o nosso obrigado.

Assim desaparece também uma ocasião de engano sobre entregas seja do que for para a Obra, que convém sejam controladas — o que, nas ruas do Porto, presentemente, só acontece na CASA DINA, seja na loja da Rua da Conceição, 100, seja na da Rua dos Mártires de Liberdade, 35, a poucos metros uma da outra.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DESEMPREGO — É um problema que infesta boa parte do País, especialmente trabalhadores que não recebem subsídio da Segurança Social. Casos de miséria que provocam fome aos Pobres mais pobres.

Alguns destes trabalhadores não sabem que fazer para o pão da sua gente. Aparecem pedindo esmola, envergonhados. Não sabemos o que fazer a esta gente com tantas necessidades!

«Segundo o Eurostat, em 2001, 20% da população portuguesa estava abaixo do limiar da pobreza. Quer isto dizer que mesmo depois de receberem as chamadas 'transferências sociais', onde se incluem as pensões ou o Rendimento Social de Inserção, cerca de dois milhões de indivíduos dispunham de um rendimento de trezentos euros por mês ou menos para viver.»

«No fim do terceiro trimestre de 2003, o número de pedidos de emprego existente nos Centros de Emprego do Instituto de Emprego e Formação Profissional ascendia a 470.623, tendo aumentado 23,8% face ao período homólogo de 2002. O número de pessoas que não têm emprego e estão imediatamente disponíveis para trabalhar aumentou igualmente (mais 25,8%), atingindo a fasquia dos 431.316.»

O Eurostat diz ainda que um quinto dos portugueses são Pobres.

PENSÕES — Atendendo às pequeníssimas pensões da Segurança Social, as Conferências vicentinas também dão a mão a muita gente que não tem capacidade de viver como deve ser.

Lembramos o caso de um trabalhador cuja mulher, de setenta e poucos anos, é muito doente. O receituário para a farmácia é uma dificuldade do casal.

Recordamos um outro Pobre que «não tem cabeça», como diz o Povo, absorvido na droga do alcoolismo que nos passou um recado: «Peço que me ajudem alguma mercearia. Estou a escrever porque não posso andar. Há uma família que me dá de comer, me lava a roupa. Eles também são pobres... mas têm um bom coração». E acrescenta: «Pago cem euros de renda. Já não trabalho há três anos. Fui à Junta Médica prà reforma, mas ainda não saiu nada...! Por tudo isto, peço que façam alguma coisa por mim».

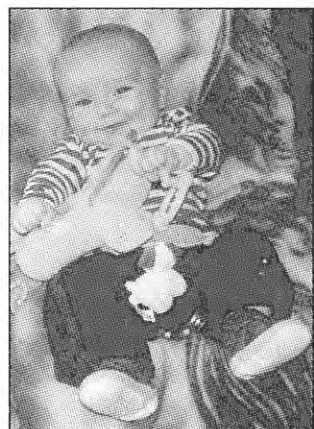
PARTILHA — Recebemos, apenas, duas presenças na última quinzena. Afé estão: 35 euros, de Lourdes, do Cacém: «Os grãosinhos são pouquinho, mas dados com toda a

alma. Continuo sempre a pedir para os mais pequeninos. E saúde para vós. Que Deus vos dê força para continuardes. Bem-hajam».

Só mais trezentos euros «para uma pequena ajuda para as grandes necessidades dos vossos Pobres. Que o Bom Deus vos ajude», comunicamos a assinante 34220, de Lavadores — Vila Nova de Gaia.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



É o Gabriel, filho do «Piasca», que reside na Bélgica. O pequeno tem quatro meses e porta-se muito bem — diz o pai.

PAÇO DE SOUSA

VISITA DE ESTUDO — No dia 16 de Maio, Domingo, os rapazes que frequentam o 7.º ano de escolaridade e outros interessados foram fazer uma visita de estudo ao Parque Biológico de Avintes, de forma a ficarem mais motivados para as Ciências da Natureza. Gostaram muito; mas, logo que cbegaram, foram a correr ver os últimos minutos do jogo da Taça de Portugal, entre o Benfica e o Porto.

ESCOLA — Os rapazes do 2.º e 3.º ciclos têm tempo de estudo e professores para os acompanhar. Mesmo assim, os resultados escolares não são os desejados. Vamos ter mais força de vontade para superar as barreiras, neste ano lectivo.

PISCINA — As obras continuam em bom andamento. No edifício dos vestiários, está a ser construída uma nova casa de banho, bem necessária. No muro de suporte, colocou-se um varandim. A água do tanque dos «campos novos» foi canalizada para a rega do jardim da piscina.

LIXO — Alguns resíduos da lixeira velha foram transferidos para um campo, junto à mata, de modo a poderem fertilizar a terra, depois do trabalho árduo de separação de vidros e plásticos, efectuado pelo grupo da «lenha».

CEREAIS — A Nestlé deu-nos uma grande carrada de

cereais, que dividimos com a nossa casa do Calvário. É uma boa oferta, que muito agradecemos.

CICLISMO — Ao sábado e ao Domingo, de tarde, os nossos rapazes podem andar de bicicleta, desde que cumpram as regras de trânsito, na nossa Aldeia, e entreguem a dita em bom estado de conservação. Esperamos que não aconteçam acidentes. É vê-los todos felizes a passear pelos caminhos.

Rolando Filipe

DESPORTO — Os Iniciados receberam o S. C. Maria da Fonte. Uma equipa composta de muitos bons elementos e sobretudo de uma educação esmerada, a praticar um futebol de primeira. Nós ganhámos!... Nós, fizemos uma primeira parte de péssimo futebol... e não só! Chegámos ao intervalo empatados a uma bola. Continuámos a entrar em campo, mais preocupados com o «bomem do apito», do que com a preocupação de jogar a bola como deve ser.

Ao intervalo, e já dentro das quatro paredes do balneário: disse... disse... e voltei a dizer!... Mas graças a Deus, não caiu em saco roto. Nos últimos quarenta e cinco minutos, tudo foi diferente. Não estou a referir-me ao resultado. Porque esse, apesar de ninguém gostar de perder, é o menos importante, mas sim à postura de cada um dentro do campo. Diz o Poeta: «Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena», e foi o caso. Ficou comprovado, que com os nossos Rapazes, por eles e para eles, tudo vale a pena! Foi uma segunda parte excelente. Entraram em campo com outra mentalidade, para melhor, para muito melhor! Uma primeira parte para esquecer e uma segunda para reviver nos jogos que se seguem. Espero eu!

Quem anda em maré de menos sorte, são os Seniores, que se deslocaram a casa do Estrela F. C. e não conseguiram ganhar. Desta vez, com todos os titulares, não foram capazes de arrumar a casa para repetirem a proeza da semana anterior. Foi pena, mas as camisolas não jogam, é preciso fazer pela vida!... Apesar dos três golos do «Tainha» (marcador de serviço) e um do Ilídio (g.p.), não foram o suficiente para ultrapassar os seis do adversário. Correu tudo bem, e isso é que conta, apesar de ninguém gostar, no futebol, de vitórias morais!

Já os Iniciados receberam o F. C. Canelas (Penafiel), a quem impuseram uma derrota, com golos de «Bolinhas» (4); Abílio (1); Rolando (1) e o tal golo, há muito procurado pelo «Patrick».

Um jogo sem grande história, a não ser as expulsões de Licínio e Fábio. O primeiro por falar... demais; e o segundo, por entender que num jogo de futebol de onze, também se podia praticar Râguebi. Enganou-se, e veio tomar banho mais cedo.

Alberto («Resende»)

TOJAL

CAMPO — Uma volta pelo campo: os campos da batata estão a desenvolver; a cebola e o alho continuam no bom caminho e, se Deus quiser, vamos ter o suficiente para as nossas refeições. O sr. Zé e o sr. Rafael, juntamente com os rapazes que com eles trabalham, acrescentaram mais três canteiros de cebolas e um de tomate. A salsa e os coentros continuam viçosos e frescos, para os nossos temperos.

PRODUTOS QUÍMICOS — Se possível para manter as nossas plantações é necessário aplicar produtos químicos: herbicidas e pesticidas... Pede-se com gratidão aos amigos que estejam disponíveis para esta colaboração e mais uma vez o nosso muito obrigado.

FRUTOS — Frutos verdes que se desprendem da rama muito cedo para uma batalha a travar. Há duas semanas recebemos um rapaz, o Ricardo; e, duas semanas depois, recebe-

mos dois irmãos, o Fábio e o André. Deseja-se saúde e bom aproveitamento rumo ao futuro. Por enquanto não têm alcunhas, mas brevemente estarão baptizados; e, espera-se também, que se adaptem ao nosso ambiente.

Abílio Pequeno

SETÚBAL

OBRAS — O sr. Paulo e o Júlio «Mocas», fizeram o telhado da capela e andam agora a lavar os telhados das casas. O Zé e o «Monchique» já começaram a meter tijoleira no chão do bar. O Garcia e o sr. Paulo colocaram as pedras de mármore nas janelas e portas que os nossos carpinteiros fizeram.

SILÓ — A Raporal ofereceu um silo para a farinha das vitelas. O «Ceguinho», o «Fernandinho» e o João Correia foram buscá-lo no reboque e transportaram-no para Casa. À tarde, o «Fernandinho» levantou o silo

com a pá da «bulldozers». O sr. Romasinho ajudou a orientar os trabalhos.

GALINHEIRO — Duas das nossas patas já chocaram 13 pintainhos cada uma. Ainda temos uma gansa no choco e outra pata branca. No outro galinheiro nasceram patos bravos, só que alguns morreram afogados.

VIVEIRO — Nasceram duas caturras. O «Cocas» comprou vitaminas para que elas ficassem mais saudáveis e pudessem crescer. A coruja já consegue voar pois tem asas muito grandes. Damos-lhe, para comer: ratos, lagartixas e outros animais pequenos. Devora tudo em menos de um minuto.

VACARIA — No dia 13 de Maio nasceu uma vitela e um vitelo. A vitela foi a que deu mais trabalho. Depois de nascer teve de ser posta de patas para o ar para poder respirar melhor. O vitelo nasceu sozinho sem nenhum problema. Foram dois nascimentos de vacas de primeira barriga.

João Paulo

Correspondência dos Leitores

Obra que devia ser de todos

«Que a Graça e a Paz de Nosso Senhor nunca vos falte para continuarem a fazer tantas coisas boas e úteis, para a nossa Humanidade, que está tão mal.

Eu sou uma assinante muito fraca, pois sempre que recebo O GAIATO (que leio de fio a pavio) proponho-me mandar algum dinheiro para ir amortizando o débito da assinatura. Na altura em que me inscrevi, dei mais algum, mas como já foi há muito, estou em dívida. Vai agora um pouco, mas prometo, em breve, mandar mais.

Bem-hajam os que trabalham numa Obra que devia ser de todos.

Assinante 34776».

Libertação

«Junto um donativo para essa grande Obra, de Pai Américo. Pequena ajuda monetária com a minha oração a Deus para que continue a abençoar todos quantos trabalham, e tudo dão, para que muitos sejam mais felizes.

Vai o meu pedido para que nas vossas orações me ajudem, e a muitos dos irmãos, a sermos mais solidários e a libertarmos-nos das coisas materiais partilhando-as com os mais necessitados.

Assinante 52842».

Infinita ignorância

«Em tempos li n'O GAIATO: 'Para as crianças, valem mais os piores pais que a melhor das instituições'. Palavras de um governante deste País que mostram uma infinita ignorância e um sentimento que resvala muito para o autismo.

Hoje, a comunicação social dá notícia de que, aqui, em Ermesinde, uma criança de

dois anos e meio morreu vítima de violência cometida por um dos tais 'piores pais', daqueles a quem se referia o acima citado governante. A criança tinha sido devolvida ao pai há três meses — para morrer...

Estúpido governante que vai lançando a insídia sobre instituições que fazem o que o Estado rejeita através dos seus agentes — os governantes.

Continuem a Obra do vosso querido Mestre e bem-hajam pela persistência e pelo carinho para com uma parte dos mais desprotegidos deste País. Obrigado.

P.S. — Sei que há Instituições e instituições, a vossa tem a minha total confiança. Cabe aos governantes a obrigação de lutar para que a miséria material e moral não atire para a marginalidade e pobreza cada vez mais crianças neste País — mas eles não o fazem.

Assinante 4862».

PÃO DE VIDA

Azeite

NA mancha de notícias que sobrecarregam os meios de comunicação, pescámos e alegámos-nos com o incentivo à produção olivícola, no nosso País.

Nos cardápios da dieta mediterrânica, figura o óleo extraído da azeitona como a fonte de gordura mais saudável para o sistema circulatório, também preventiva contra o cancro e curativa.

Chegados ao mês de Maio, de Março e do coração, vimos notar, nas vendas, a

TRIBUNA DE COIMBRA

A Escola continua a maior das atenções

A Escola continua a merecer da parte de todos, pais, professores, educadores e governantes, a melhor, a maior das atenções e preocupações. Estamos preocupados, numa Europa cada vez mais alargada e competitiva com o futuro da nossa gente mais nova. Um futuro que tem de passar necessariamente pela qualificação técnica e profissional. Mas isto não poderá acontecer sem exigência, sem rigor, sem mais educação, tanto nas famílias como nas escolas.

O nosso contacto regular com a Escola tem-nos permitido observar um clima de dificuldades com que se debatem os professores, hoje. A indisciplina é um facto incontornável. Muitas vezes os miúdos levam-na de casa para a Escola e outras, sem dúvida,

transportam-na da Escola para casa. As dificuldades burocráticas que um professor encontra para levantar um simples processo disciplinar... muitas vezes levam-no a desistir. Há falta de funcionários, de vigilantes. Hoje que tanto se acentua a necessidade de acompanhamento psicológico de alunos com graves problemas familiares e emocionais, escolas há com centenas de alunos onde apenas existe um psicólogo. Não faz sentido o discurso da educação sem meios disponíveis para que esta possa acontecer. Meios humanos e financeiros, claro. Há uma tendência estatística na observação. Tudo tende para a quantificação quando a qualidade e a exigência é que deveriam pontificar.

A simples observação deste dado: na

comunicação do calendário das provas de aferição de matemática e de português aos encarregados de educação diz-se que as provas são obrigatórias, mas não têm repercussão na progressão escolar dos alunos. São simples indicadores de aprendizagem. Nós lemos e pasmamos. Mas os alunos, esses interrogam-se, se a consciência aí chegar: «para quê estudar mais... isto não conta!». Lógica de aluno, claro!, mas tão antiga como os assentos da escola. Temos receio de mostrar as debilidades do nosso sistema de ensino e o desastre que é o nosso aproveitamento escolar. É esta falta de coragem que nos leva a refugiar-nos nos valores soberanos da estatística.

Padre João

Praticando o Bem

Continuação da página 1

O senhor do Banco, ao ver a senhora torceu o nariz, mas atalhei logo: — A conta da Casa do Gaiato tem o suficiente para remir a dívida desta senhora?

— *Tem, sim, senhor!* —, respondeu peremptoriamente.

— Então vá, veja quanto ela deve e transfira.

Regressámos à Casa do Gaiato onde uns vizinhos a tinham transportado. Ela, não cabia em si de contente e eu muito mais.

— *Ai, quando o meu filho, logo, chegar a casa é que vai ficar feliz!*

Este alívio valeu-lhe mais do que todos os comprimidos; o melhor tratamento psiquiátrico é sempre o amor.

Quero, agora, sublinhar aquela necessidade de partilhar da nossa assinante de Lisboa. Podia dizer obrigação, ou dever; mas, não, ela fala de necessidade. Realmente quando Deus habita o coração das pessoas criam-se **necessidades** e esta é uma necessidade divina.

Deus que tudo sabe, bem conhece as minhas aflições e as dos Pobres. Veio em nosso auxílio através daquela que Lhe abriu o coração.

Depois, outra verdade evidente e tão certa como a Eternidade: «Somos apenas gestores de bens e não senhores deles». O GAIATO não se cansa de o lembrar e eu acrescento: De todos os bens materiais, intelectuais, espirituais e sobrenaturais.

Somos apenas gestores e não senhores.

Há que os gerir bem.

O Evangelho, pela parábola de Jesus, adverte-nos que teremos de prestar contas.

Ai como o universo dos baptizados, vive longe destas verdades, tão comezinhas e sempre actuais, desafiando o decorrer dos tempos!

Só nesse dia paguei mais dois meses de renda de casa a 150 euros cada, e 89.84 euros de energia, a outra infeliz a quem o marido abandonou com dois filhos. Mais um par de óculos a sua irmã e o mesmo a outra abandonada, também com três filhos e com receita na mão há mais de um ano.

Por vezes, os Pobres fazem fila.

Ai de tanta gente se não fora a Obra da Rua!

Padre Acílio

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

toda a gente e fazendo uma carinha meiga e bonita...

Fiquei a olhar para aquela cena. Tanta falta de carinho escondida naquele corpito. Antes de vir até nós, tentava colmatar tudo isso com os dias passados em Centro Comercial pedindo, sorrindo, chingando, fugindo, etc... Tantas estratégias quantas as caras que lhe apareciam pela frente e de quem ele decidia aproximar-se.

Estamos diante de uma criança real, não de uma criança inventada nas reu-

niões de salões onde tanto se divaga sobre o que não se conhece nem se ama.

Vamos precisar de muito tempo para podermos colocar o Ricardo de pé, com a sua dignidade de homem. Vai ser necessária muita paciência, muito carinho, muito diálogo, muitos momentos de correcção, muitas ocasiões de perdão, muitos incentivos para que perceba a importância da escola, deixe a veleidade de uma vida fácil onde um bolo ou um brinquedo ou um gelado resolviam os seus problemas. Vai ser preciso muito tempo para que o Ricardo perceba que a di-

gnidade do homem se encontra em ganhar honestamente o seu pão de cada dia com o suor do seu rosto.

Nada disto se faz com um toque de varinha mágica. A realidade é bem dura face à facilidade discursiva de quem nunca criou uma criança que tem tantos pergaminhos de um passado que lhe foi dado viver. Iremos gostar de estar com o Ricardo. Ele fará parte de nós e os seus sucessos ou insucessos farão a nossa alegria e a nossa dor. Ele deixou de ser um número ou uma forma discursiva, tornou-se carne e habita no meio de nós. Porque gostamos dele, assumimos as nossas responsabilidades e não encolhemos os ombros ou lavamos as mãos...

Padre Mannel Cristóvão

crescente ausência das mães, na vida destes rapazes, em cujo colo não foram amamentados nem aconchegados; o que tem desencadeado comportamentos mais instáveis.

As sociedades modernas inventaram modelos de família *contra naturam*, fora do nó pai-mãe, que fixam em legislações ditas *avanzadas*. É um sinal de necrose da mentalidade iluminista, que não quer regressar a Nazaré, conduzindo ao envelhecimento e solidão da população.

Os garotos que entram em *portas abertas* para viverem em suas casas, porque não foram queridos por quase ninguém, trazem feridas no coração, nas quais é preciso deitar azeite todos os dias, a todas as horas.

Não podem saltar em sistemas educativos, sujeitos aos ventos oficiais.

Aos milhares deixaram os seus lares, desagregados. Depois, são jogados ao pingue-pongue, em pseudo-afectos.

Em redor do nosso pomar, urgia levantar uma ramada, derrubada por uma tempestade, com cepas antigas, mas ainda com vitalidade.

Os «Batatinhas» gostam desse lugar central, porque estão mais perto das aves que aí se desenvolvem, também, e nos despertam, ao nascer do sol.

É enternecedor olhar os seus rostos, quando observam as mães a cuidar dos animais mais pequenos e outras, atrevidas, já a saltar para os frutos.

Entretanto, deparámos com os rebentos de uma oliveira, plantada

quando o mundo vivia o segundo grande conflito do século vinte. Nessa época, deixavam de penar nos escombros dos asilos alguns filhos da rua, preferindo Pai Américo «os mais repelentes, os mais difíceis, os mais viciosos».

Essa oliveira começou a lançar caules novos de um tronco enrugado, para sobreviver. Os seus frutos não-de vir; mas, entretanto, uma multidão de amigos, anónimos, tem presenteado o Senhor da casa, do céu e da terra, assiduamente, com litros de azeite.

«Faz brilhar o rosto» destas crianças e jovens, e é sinal de grande confiança no Samaritano que nos pode curar com este unguento de vida.

Padre Mannel Mendes

DOCTRINA

Paradas de «caridade»



ERA de uma vez num hotel de categoria, em certo lugar da nossa Pátria muito amada. Corria o Verão. Na terra havia mais hotéis; muitos hotéis, todos povoados — muito que falar e pouco que fazer. Nestes sítios a que chamam terras, o que mais custa é matar o tempo. Já assim era com os romanos. Lança-se mão de tudo. Cada dia vem com seu programa e todos com infinitos números. Eis um. Naquele hotel e naquele dia foi assim:

UM grupo de senhoras da «nossa melhor sociedade», como a Imprensa costuma pôr e elas gostam, levanta-se e vai em roda colher donativos para um almoço aos farrapões da localidade. Contaram o dinheiro, hilariantes, e entregaram à gerência, com instruções do almoço. No dia seguinte aparece o aviso pregado no lugar deles, a comunicar que as Ex.mas Senhoras Donas Fulana, Sicrana e Beltrana não se pouparam a trabalhos e que vão oferecer hoje, às tantas, um almoço a doze crianças «probrezinhas». Tudo à espera. Imediatamente após o serviço dos hóspedes, a gerência manda armar a mesa em uma sala do dito hotel com quatro janelas para a rua, escancaradas, para que se veja bem. A mesa apresenta-se com tudo, absolutamente tudo quanto diz respeito a um almoço de circunstância. Estão doze talheres. Um terço coloca-se em posição. Os criados apuram-se. As pequeninas «vítimas» entram na sala. Vai começar o sacrifício. A seguir à sopa vem o primeiro prato, vem o segundo, vem sobre-mesa — tormentos que as crianças não merecem de ninguém. Elas não saboreiam. Não sabem estar. Nada lhes aproveita. É um triste suplício, como os pequeninos semblantes dizem.

A sinfonia toca. Os criados rodopiam. As senhoras da comissão miram-se, extasiadas; e dezenas de outros farrapões do lugar, que não foram convidados, espreitam pelas janelas, em hicos-de-pé, esfaimados! Terminou. Os pequeninos torturados estão amarrados às cadeiras, cada um à sua, até passar a hora dos discursos. Em regra, as senhoras destas comissões levam muito a mal que não se diga nada e um senhor da assistência exaltou o acto. Novo aviso elucidou os hóspedes de quanto se houvera gasto e assim acabou o dia, ao qual, no meu entender, não se pode chamar perfeito.

ORA muito bem. Estamos em frente de uua das inúmeras paradas de «caridade» que os olhos dos nossos tempos andam afeitos a ver e ninguém dá fé do mal que se pratica no mundo com esta espécie de bem-fazer. Nenhum de entre a assistência era analfabeto; tudo gente de certa responsabilidade. Mais. O senhor do discurso foi, até, buscar à doutrina de S. Paulo, dois pontos que tratam da esmola e com eles enalteceu a cerimónia! Ninguém viu mal. Tudo fez coro; acharam certo.

EU estava. Assisti a tudo quanto se fez e quanto se disse, dum cantinho da sala, muito triste por me encontrar só — tão perto e tão distante. Se me tivessem dado o dinheiro e a liberdade de agir, havia de chamar todas as crianças pobres do povoado — todas, porque todas necessitavam — e dar-lhes uma refeição quente, à maneira do Povo, só que um bocadinho mais abundante e mais adubada. Era dia de festa. Havia de as colocar em sítio onde estivessem absolutamente livres; comentassem a seu modo o sabor do caldo e do pão; falassem uns para os outros; rissem a bandeiras desprezadas, pois seria verdadeiramente uma festa deles e não uma festança dos mais. Havia de mandar os criados mai-la sinfonia para os seus respectivos lugares, que ele não há no mundo música mais bela do que a feita com as notas alegres da criança pobre, diante de um prato de sopa quente, servido com muito amor.

ASSIM havia de fazer. Mais. Enquanto perguntasse a cada um o nome que tem, havia de perguntar ao mundo do nosso tempo quando é que chega a hora em que cada criança tenha dentro da sua casa e em cima da sua lareira uma tigela de caldo e um bocado de pão. Então, sim, poderíamos fazer festas, que a Caridade folga com a Justiça, como ensina a Verdade eterna.

SALVO melhor opinião dos mestres, afigura-se-me que não se devia jamais mostrar à criança pobre um mundo a que não poderá honestamente chegar, nem possuir. As orgias desmoralizam: são fontes de revolta e fazem revoltados. Ficamos bem ser pobres e ensinar a criança a amar e a respeitar o seu estado de pobreza, não venha ela amanhã cair na miséria e a fazer um mundo de miseráveis.

D. Acílio

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Itinerário pascal

O itinerário pascal «que em recordação percorremos, sempre o tenhamos em acto.»

ÉIS a prece que a Igreja-Mãe nos propõe neste Domingo VI depois da Páscoa. Jesus ressuscitou. O Pentecostes já foi. Dois marcos da História da Salvação que iluminam o itinerário pascal e só eles tornaram possível aos Discípulos d'«aquele tempo» compreender em profundidade a mensagem do seu Mestre e fazer dela um caminho a seguir por todas as gerações.

Jesus já os prevenira diversas vezes do que em Jo 16/28, como que sintetiza o seu Evangelho «Saí do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai». Mas os Discípulos ficavam em confusão, pois ainda não tinham fortaleza para encarar o «abandono» anunciado, nem delicadeza para participar no encanto do seu Mestre: «Se me amásseis, ficaríeis contentes por Eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que Eu». E parece que nem ouviam o

resto da declaração: «Vou partir, mas voltarei para junto de vós. Digo-vos-lo agora, antes de acontecer, para que, quando acontecer, acrediteis».

Jesus, cumprida a missão de que o Pai O encarregara, terminava a Sua passagem para que, junto do Pai, os Dois pusessem ao alcance dos homens a circulação do Amor que Os vincula, que só ele torna os homens capazes de viver o «amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei» que é a derradeira palavra de ordem, breve e total, de Jesus Cristo. Assim inaugura o tempo definitivo da História da Salvação: o tempo da Igreja, «não deixada órfã» como Ele prometera, mas assistida pela Espírito Santo, que é a presença do Pai e do Filho, mas fundada na Fé.

Fundada na Fé para o exercício da liberdade. O homem pode ou não acolher a mensagem de Deus, revelada por Jesus e esclarecida pelo Espírito Santo. Depende dele o inserir-se na circulação do Amor que o Pai e o Filho lhe facultam no Espírito Santo, que só ele o tornará capaz do amor fraterno.

Moçambique

Continuação da página 1

cinco anos. Muito se ouviu, discutiu, propôs e guardou na mente e no coração, como o conhecer a Mana Lu, uma timorense que depois de se formar na Indonésia, teve de reaprender o Português e apesar disso fala nela mais o espírito que as palavras. Preside a uma comunidade secular de serviço aos mais Pobres, prescindindo de estruturas de atendimento, indo directamente de casa em casa onde eles vivem. «Com eles a gente descobre coisas práticas para depois levar uma vida melhor». Com esse espírito enfrentou a chacina dos indonésios, sem que ninguém a molestasse e disse não a quantos quiseram encher-lhe depois a casa de carros e computadores e grandes auxílios.

Padre José Maria

BENGUELA

Crianças que chegam

QUEM me dera ser enfermeiro; quem me dera ser médico para atender as crianças que chegam a nossa Casa, a qualquer hora do dia ou da noite, e não venham a morrer a caminho do hospital. Este sentimento nasceu hoje, de manhã, quando a Florinda Tchokpetta trouxe a neta de oito meses, com as perninhas inchadas, sinal evidente de anemia em estado muito avançado. Pele e ossos e pouco mais eram o corpo deste bebé muito querido. Tão querido como os teus filhos, a quem muito amas e a quem dás tudo.

A mãe, rapariguinha muito nova, apanhada na rede da fome e da miséria, deixou-se vender e, depois, fugiu para Luanda, à procura de miséria maior. O bebé veio parar à Casa do Gaiato, ao colo da avó, cuja riqueza é o coração de mãe-duas vezes, e o pão de cada dia colhido em nosso campo. Com medo de que morresse pelo caminho, na ida e volta, deixei-o no centro de nutrição do hospital, com a esperança de voltar a vê-lo com vida. Quem me dera ser enfermeiro; ser médico, nestas horas de aflição, para andar mais depressa do que a morte. O abandono a que grande parte está sacrificada, é estrada larga para a corrida da morte. Estou a partilhar convosco os primeiros passos desta manhã

para semear na vossa vida uma inquietação grande. O pior mal que nos pode acontecer é caminhar com o micróbio do egoísmo e da indiferença, bem escondido, a minar a energia vital da felicidade.

Não era minha intenção entrar por esta porta nas Notas que O GAIATO leva, quizenalmente, às vossas mãos. Aconteceu. É a nossa vida, já que não temos outra riqueza para vos dar. Queríamos falar-vos, sim, dos concursos que agitam a nossa Casa.

Primeiro, o concurso dos mosquitos. Foi uma invenção do Eng. José Luís. Ele não gosta que lhe chame senhor Engenheiro. Mas é; e não conheço outro igual. Vamos ao concurso. A doença do paludismo, também chamada da malária, é uma pandemia que mais vítimas mortais provoca, sobretudo nas crianças e mães grávidas. O micróbio do paludismo é transmitido pela picada do mosquito. Daí, a raiz do mal está no mosquito. Não vou falar, agora, da raiz do mosquito. Em que consiste o concurso? Quem matar mais mosquitos recebe um prémio. Por cada dez mosquitos mortos, um sambapito!

Não queiram saber do entusiasmo e a perturbação, também, na nossa vida! Os sambapitos fizeram fogo. Na hora das obrigações iam à caça dos mosqui-

É impressionante o respeito de Deus pela liberdade do homem! Quem, neste mundo onde a palavra liberdade aparece tantas vezes esvaziada pelo uso inflacionado, que a coloca fora da racionalidade — quem é capaz de a conceber com inteligência e respeito semelhantes aos de Deus?! Por isso que absolutamente impregnada de respeito pela liberdade do homem, a pedagogia de Deus não é paternalista, é providente. O homem tem potências naturais para conhecer o bem e o mal, até por reflexão sobre os males que experimentou e tudo quanto a História da Humanidade lhe ensina. Tem a doutrina revelada que lhe poderá dar uma luz nova e outros horizontes.

Todos estamos no mundo de passagem e temos um itinerário a cumprir. Para os cristãos, embora participando da fragilidade comum a todos os homens, que itinerário devemos seguir senão aquele, segundo o qual Jesus Se revelou «Caminho» para os seus discípulos — o Seu itinerário pascal?

Por isso a Igreja-Mãe nos estimula a recordá-lo, com vivo afecto e alegria, para que em todos os passos da nossa vida possamos manter-nos em paralelo com Ele.

Padre Carlos

tos. A reserva substancial de sambapitos entrou em ruptura. Nasceram verdadeiras sociedades para apanharem mais mosquitos e apanharem mais sambapitos. Não me convém falar das aldrabices que aparecem sempre no meio destes negócios. Enfim, um concurso que foi um sucesso. Mas o problema da malária não ficou resolvido. É certo que os mosquitos mortos não voltam a injectar o micróbio. Também cresceu a sensibilidade para evitar os lixos e outros focos favoráveis ao aparecimento dos mosquitos. Valeu a pena!

Segundo, concurso da casa mais limpa, mais arrumada e mais decorada. É sabido que não temos criados nem criadas para fazer a limpeza e a arrumação das casas de habitação. São os rapazes que assumem essa tarefa. Tudo o que podem fazer, devem fazê-lo. É um princípio. Já sabemos que a eficiência pode sofrer alguma coisa, mas não sacrificamos o rapaz à eficiência.

Ultimamente andávamos um pouco desconsolados com a falta de cuidado na arrumação das casas de habitação. Daí, nasce a ideia: O concurso da casa mais limpa, mais arrumada e mais decorada. Os três adjectivos entram no critério de avaliação. Foi uma maravilha! Nunca vi as casas tão lindas! Não há mãos a medir, nem tempo a perder. Inventam os vasos para as plantas com as latas vazias. Outros, mais exigentes, fazem requisições para vasos caros. Não faltam os que põem cá fora as suas habilidades na pintura e no desenho. A Teresa é permanentemente solicitada para dar os quadros guardados no arquivo. Não consegue esconder as suas preferências. O júri é atentamente vigiado pelos responsáveis para não cometer injustiças. As comunidades são cinco. Todas querem ganhar. Não há dias, nem horas certas para a visita do júri. Todas as semanas saem os resultados. Mais entusiasmo. Queimam-se os últimos cartuchos. O fim do mês está à porta. A casa onde estou a dormir fica sempre em último lugar! Já protestei, mas o júri não me dá razão.

O dia 1 de Maio chegou. O prémio foi atribuído. Ganhou a casa 1, 1.º andar. A Vila do Balombo, a 180 km de Benguela, foi o local escolhido para o passeio. O concurso vai continuar.

Padre Manuel António

SETÚBAL

Pedidos

para acolhermos crianças

TEM-SE multiplicado o número de pedidos para acolhermos crianças-adolescentes com mais de catorze anos de idade. É uma realidade que certamente tem vindo a crescer nos últimos anos.

Alguns deles vivem só com o pai; outros, que são a maioria, só com a mãe. Os casais separam-se, divorciam-se; resultado filhos sem pai ou sem mãe.

Depois, a necessidade de o progenitor ir trabalhar, empurra a criança para o abandono.

Quando diariamente se afastam pela manhã, cada um deveria seguir o seu caminho, sendo o da criança, o da escola. Com o passar dos dias, e normalmente na frequência do 2.º ciclo da escolaridade, a falta de ambiente familiar vai trazer outros campos de combate àquele pai ou àquela mãe que, mesmo querendo, não conseguirá acompanhar o seu filho nesta fase do crescimento. Este começará por deixar de frequentar as aulas, e só irá à escola para almoçar. Se isto persistir, estará aberto o caminho para a marginalidade para o jovem. O final de cada dia, em vez de abrir portas de esperança, só trará o desespero por não haver saída do descabro para onde se vê as coisas caminharem.

São muitos os casos de situações semelhantes.

Outros pedidos que nos chegam, têm origem em instituições que não foram resposta para as crianças que nos apresentam.

A quase todos eles, exceptuando os casos que se coadunam connosco, não damos resposta afirmativa.

O nosso viver realiza-se em família — como lugar onde se comunica e partilha a vida. Significa isto que não estão uns só para receber e outros só para dar. antes, todos em atitude de dar e receber, cada um assumindo as suas próprias responsabilidades.

Estamos muito desfasados do que pensam e opinam certos funcionários responsáveis pelo futuro dessas crianças...

Há dias, recebemos de uma dessas senhoras uma informação social relativa a rapazes nossos que dizia o seguinte: «... Urge a definição de um projecto de vida estável, que permita o desenvolvimento harmonioso para os três menores, o qual poderá estar comprometido por uma institucionalização demasiado prolongada e que poderá ter consequências irreversíveis e desnecessárias do ponto de vista psicológico e afectivo».

Aplicamos à nossa realidade os termos aqui usados: Só formalmente somos Instituição — contrariados! Somos antes — Família. Por isso a nossa vida se desenrola na estabilidade do crescimento harmonioso, enraizado na vida do dia-a-dia. Os rapazes devem vir para nós com idades até aos 12 anos. A partir daqui, geralmente, o enxerto é doloroso, pela resistência interior que adquiriram para mergulhar e nadar em águas que não vão à deriva nem ao sabor dos ventos. Que se façam homens, na responsabilidade e liberdade, é o que há de mais irreversível nas nossas obrigações.

Concordo plenamente que se entreguem a famílias de adopção, crianças que a não têm. Mas seria bom que se soubesse que, quando no-las entregam, passamos nós a ser a sua família enquanto de nós precisarem, e não somente durante o tempo considerado conveniente por quem só conhece das crianças, aquilo que os papéis falam.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Quando as ditas obras de assistência olham para as crianças com o olhar de Jesus, de humanas que são, passam logo a divinas. É aqui o nervo.

PAI AMÉRICO